



Perfil epidemiológico da meningite no Rio Grande do Sul entre 2016 e 2025: uma análise retrospectiva de dados do DataSUS

AUTORES: Inácio Kehl¹; Ana Lima¹; Guilherme Siervo Bersagui¹; Valentina Bortolan Zanatta¹; Victória De Oliveira Nardon¹; Cor Mariae Lima²

1 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
2 Universidade Federal de Santa Catarina

INTRODUÇÃO:

A meningite constitui importante problema de saúde pública, com elevada morbimortalidade e distribuição heterogênea conforme faixa etária, condições socioeconômicas e acesso aos serviços de saúde. Alterações recentes no comportamento epidemiológico, especialmente durante a pandemia de COVID-19, reforçam a necessidade de reavaliação do perfil da doença.

OBJETIVO:

Analisar a distribuição temporal, demográfica, regional e a letalidade dos casos de meningite no Rio Grande do Sul no período de 2016 a 2025.

METODOLOGIA:

Estudo observacional, retrospectivo e descritivo, baseado em dados secundários de notificações de meningite, estratificados por ano de início dos sintomas, faixa etária, desfecho clínico e região de saúde. Foram calculadas frequências absolutas e relativas, bem como estimativa de letalidade por faixa etária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Foram registrados 4397 casos no período analisado, com maior concentração em menores de 5 anos, que representaram cerca de 62% do total, destacando-se a faixa menor de 1 ano, responsável por aproximadamente 37% dos casos. Observou-se redução no número de casos em 2020 e 2021, seguida de aumento em 2022 e pico em 2023, o que sugere impacto das medidas de distanciamento social, além de possível subnotificação durante a pandemia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A taxa de letalidade global foi de aproximadamente 3,8%. Ademais, a análise estratificada revelou aumento progressivo da letalidade com a idade, sendo estimada em cerca de 3,3% em menores de 1 ano e atingindo aproximadamente 6,5% na faixa de 15 a 19 anos. Apesar da menor incidência em adolescentes, esse grupo apresentou proporção de óbitos superior à observada em faixas etárias mais jovens. Por fim, a distribuição regional evidenciou concentração de casos na região metropolitana, representando mais de 50% das notificações, o que possivelmente reflete maior densidade populacional, bem como melhor acesso aos serviços de diagnóstico.

CONCLUSÃO:

A meningite no estado apresenta maior incidência em crianças pequenas, porém com aumento da letalidade proporcional a idade, especialmente em adolescentes, o que pode estar relacionado a atraso na busca por atendimento ou maior gravidade clínica. A variação temporal dos casos sugere influência significativa das medidas adotadas durante a pandemia de COVID-19. Os achados reforçam a importância de estratégias direcionadas à vigilância epidemiológica, ao diagnóstico precoce e ao fortalecimento das políticas de prevenção, com atenção especial aos grupos de maior risco e à melhoria da qualidade dos dados de notificação.

REFERÊNCIAS:

<https://datasus.saude.gov.br/informacoes-de-saude-tabnet/>

<https://www.who.int/health-topics/meningitis>

<https://tracker.meningitis.org/cases/>